

Ser tolo não é culpa. E' uma desgraça. A mais comum das desgraças.

ANO V - N.º 135
SETEMBRO
29
1957

AVENÇA

A Voz de Loulé

LISBOA



Composto e impresso na
TIPOGRAFIA UNIÃO
Rua Tenente Valadim, 30-1.º Esq.
FARO
Telefone 154

DIRECTOR
JAIME GUERREIRO RUA

EDITOR E PROPRIETÁRIO
JOSÉ MARIA DA PIEDADE BARROS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
GRAFICA LOULETANA
Rua da Carreira, 42-44
Loulé
Telefone 216

Prosseguindo...

Apressadamente, corremos os olhos pelo notável discurso do Senhor Ministro das Corporações, pronunciado no Palácio dos Desportos, no Porto, na sessão comemorativa do 24.º aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional.

Há um ano congratulámos com as afirmações do mesmo ilustre e dinâmico estadista, pela clara visão do problema político corporativo e pela promessa de uma vasta ação doutrinária, por meios cuja criação anunciou e que tem vindo a estabelecer.

Agora, anuncia ao País um vasto programa de realizações a levar a efeito e cuja execução se inicia com os decretos criadores das primeiras corporações.

Nesse magnífico discurso, em que se respira o ambiente dos tempos em que o Dr. Pedro Teotónio Pereira conquistou a mocidade idealista de então para os arraiais corporativos, se define a orientação a seguir na política do trabalho, na política da previdência social, na política da habitação e na política corporativa.

É todo um verdadeiro programa de Governo em que, reconhecendo-se a verdadeira posição de cada um e sem se admitirem privilégios de classe, se procura melhorar com dignidade e justiça, a situação dos trabalhadores portugueses sem excluir os até hoje menos protegidos — os trabalhadores rurais.

Não é possível, no curto espaço destas linhas, comentar as afirmações do Sr. Dr. Veiga de Mamede, mas, e agora referindo-nos às declarações feitas à imprensa a propósito das Corporações anotamos a reafirmação de que o Corporativismo português não é um Corporativismo do Estado.

Nunca será demais recordar

que, segundo os princípios, o nosso sistema é de natureza associativa, não só para que o Estado — que o afirma — o não esqueça como por vezes parece acontecer, mas também para que nós disso nos convençamos e assim o entendamos, no pensamento e na ação.

Da fidelidade que a execução observa a esses princípios, estará dependente o êxito da caminhada reiniciada há um ano.

Na hora que o Senhor Ministro chamou histórica, fazemos votos por que a autonomia das Corporações seja um facto real, e não seja deminuida, sequer, pelas eminências pardas que tantas vezes surgem, obstando a que, no seu conjunto, a organização corporativa seja e exprima a «imagem viva do País, na sua economia e na sua vida intelectual e moral».

PALAVRAS CLARAS...

Loulé, em tempos passados, era terra fecunda de indivíduos que se destacavam nas diversas actividades em que se especializavam.

Houve tempo em que Loulé se vangloriava de ter cinco Presidentes de Câmara em exercício: o de Lisboa, Engenheiro Duarte Pacheco; o de Faro, Francisco Guerreiro Barros; o de Almodôvar, Anastácio dos Santos Carapeto; o de Monchique, Capitão Henrique Mascarenhas e da própria localidade José da Costa Guerreiro.

Loulé, conseguiu, mercê de porfiada e persistente campanha e da tenacidade dos seus administradores, realizar antes de muitas outras cidades e vilas importantes, os seus melhoramentos de carácter social, como água, luz e esgotos.

Conseguiu que se concretizasse a homenagem de todos os municípios de Portugal ao grande estadista que foi Duarte Pacheco, erigindo-lhe em Loulé esse magnífico e inédito monumento que prende as atenções de visitantes de todo o País.

Conseguiu mais que isso tudo!

Conseguiu, trazer a esta terra, exceção de que poucas se gabam, o grande Chefe do Governo que é Salazar.

A orientação política de

As Comemorações do 24 aniversário do Trabalho Nacional

Como facto relevante nas comemorações do aniversário da promulgação do Estatuto do Trabalho Nacional, diploma no qual se baseia toda a orgânica reguladora das funções sociais do capital e do trabalho, foi publicada a lei que cria as Corporações.

Esse estatuto jurídico que é o corolário de uma política defendida desde 1933, tornava-se necessário e indispensável desde que a Constituição Política do País definiu o nosso Estado como uma República Unitária e Corporativa.

Só uma sincronia entre as actividades económicas — capital e trabalho — pode produzir harmonia, progresso, melhoria social, caracterizada pelo aperfeiçoamento dos meios de assistência,

previdência e defesa de direitos com pleno reconhecimento e consciência do cumprimento dos deveres.

Os contratos colectivos — primeiro passo de toda a obra de defesa profissional dos trabalhadores portugueses — asseguraram desde logo garantias e regalias que eram completamente desconhecidas em Portugal e trouxeram à classe trabalhadora uma segurança e legitimidade no exercício da função que a dignificou, lhe deu personalidade e valorizou.

As convenções colectivas beneficiaram todas as profissões não só no regulamento de remuneração, estatuição de direitos e deveres, instituição da Previdência social, com os seguros sociais e estabelecimento das várias modalidades de assistência que hoje se verificam, mas ainda uma exaltável ação conciliatória que, no fundo, não é mais que a própria evidência da génese de uma solidariedade cristã.

Da constituição das Corporações, maior soma de benefícios advirá, pois que estes organismos visam a fase final de ordenação e aperfeiçoamento de tudo o que se encontra disperso e é preciso coordenar para se especializar, corrigir, desenvolver, aumentar e refinar em benefício das relações sociais.

R. P.

O III Congresso Regional Algarvio

e as comemorações do
V Centenário da morte
do Infante D. Henrique
em Sagres

O Conselho Superior Regional da «Casa do Algarve» aprovou, na sua última reunião, a constituição das Comissões de Honra, Organizadora, Distrital e Executiva do III Congresso Regional Algarvio e o plano de distribuição dos respectivos trabalhos pelas seguintes secções:

1.º — De Educação e Cultura (História, Arte, Arqueologia, Instrução, Etnografia, Folclore, etc.);

2.º — De Previdência e Assistência (Questões de trabalho, Sociais, Administrativas, etc.);

3.º — De Fomento da Produtividade (Comércio, Indústria, Agricultura, Pescas, Pecuária, Jazigos minerais, Águas minerais — medicinais, etc.);

4.º — De Turismo (Transportes, Comunicações, Desportos, Hotéis, Pensões, Arquitectura, Urbanização, etc.);

5.º — De Assuntos Diversos.

Deram já o seu apoio à iniciativa deste Congresso as entidades oficiais da Província, devendo ser fixada oportunamente a data da sua realização, que deverá relacionar-se com as comemorações algarvias do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique, em Sagres.

Leões do Atlético e dirigida pelo seu incansável presidente, o rev. sr. Padre Celato, que tem vindo a demonstrar um notável espírito de iniciativa.

Os prémios de passagem na Gonçinha, S. João da Venda, Almancil, Quatro Estradas e Boliúme foram ganhos, respectivamente.

(Continuação na 3.ª página)

30 SET. 1957

As nossas entrevistas

A Escola Técnica

agora criada, é não só uma fonte de luz para a juventude louletana, como um acto de justiça prestado a Loulé.

Disse à «A VOZ DE LOULÉ», o louletano José Maria Mendes, antigo mestre de graças da extinta «Escola Industrial e Comercial Tomás Cabreira, de Faro».

(Uma entrevista de LUIS SEBASTIÃO PERES)

A instituição da Escola Comercial e Industrial em Loulé, deu azo, nos arraiais da colónia louletana em Lisboa, a manifestações de sincero e entusiástico regozijo.

Na verdade, tal acontecimento justifica-se, não só, pelo que de bom e útil ele traz para aquela vila algarvia, como, por se tratar de uma velha aspiração dos seus habitantes.

Depois de termos dado à publicidade o depoimento do ilustre filho de Loulé, sr. Eng.º José António Madeira — um dos pioneiros que mais impulsionou e defendeu a ideia de os seus conterrâneos pedirem a Escola Profissional — voltamos hoje, às colunas deste jornal, com outro depoimento, e ele, também, dum bom louletano (louleto no cem por cento), o nosso velho amigo e compatriota, José Maria Mendes, antigo Mestre de graças da extinta Escola Industrial e Comercial Tomás Cabreira, de Faro, como anunciamos no número anterior.

Eis, pois, o que aquele bom louletano nos disse:

— «Acedendo à solicitação do muito amigo e distinto Redactor de «A Voz de Loulé», Luis S. Peres, para que lhe dissesse algumas palavras sobre o grande acontecimento — a criação da Escola Profissional — agora verificada na minha Loulé, receio correr o risco de parecer banal. Mas, em homenagem à verdade, não posso fugir de dizer que, o conseguimento de tão importante melhoramento, trouxe para a minha alma de loule-

tano e de algarvio, momentos de íntima satisfação, retribuindo com o facto.

A razão deste meu contentamento, está no facto de ser louletano. (e qual é o louletano que, nesta hora alta para Loulé, não vibre, não senta aquela alegria própria de um grande acontecimento para a terra?).

Depois, porque já exercei, durante alguns anos, o magistério como Mestre de graças na extinta Escola Industrial e Comercial Tomás Cabreira, em Faro; E, porque sei, o que representa para a mocidade estudiosa um melhoramento desta natureza, convencido estou, de que, a Escola Técnica agora criada, — «será um farol que iluminará a juventude louletana no caminho da vida, proporcionando-lhe uma soma de conhecimentos que, até então, não lhe tinha sido possível adquirir. Outro sim, a Escola constituirá uma fonte de luz que servirá para estancar a sede aos sequios de saber».

(Continuação na 4.ª página)

Escola Comercial e Industrial de Loulé

Avisamos os nossos leitores cujos filhos estejam em condições de frequentar a Escola Comercial e Industrial de Loulé, que a respectiva matrícula termina já amanhã, segunda-feira.

Depois dessa data e até 28 de Outubro, só serão aceites boletins de inscrição mediante o pagamento da propina suplementar de 100\$00.

O ALGARVE na poesia de Emiliano da Costa

Por P. Clementino de Brito Pinto

Depois da publicação periódica, na «Folha do Domingo», do trabalho em rúbrica, o seu Autor fê-lo publicar em livro, ideia bastante louvável porque trabalhos desta ordem não devem limitar-se ao arquivo irregular que são as folhas de jornal.

Ultimamente a obra de Emiliano da Costa tem sido rodeado de uma onda de simpatia, ia acrescentar de compreensão, mas não irei tão longe. E se afirmo que a obra dos poetas é geralmente demasiado subtil, demasiado anacrónica, contemporânea (adiantada em relação à temporalidade exterior da vigência do artista como homem, para ser compreendida pelos do seu tempo. Sublinho: pelos do seu tempo, não os confrades nas lides artísticas (poetas, críticos, ensaístas) mas pela grande massa, para a qual toda a poesia deve convergir, cantando-a ou cantando matéria que interesse. E a grande massa não é só o povo (em poesia, claro...) mas ainda o ambiente que forma o povo, que interessa o poeta, a paisagem, a introspecção do eu psicológico, a sublimação ou a estupidez nos vâ-

rios graus, a própria arte pela arte. Tudo isto, porque a poesia encerra, quando é realmente poesia, uma universalidade complexíssima, até na sua simplicidade, se ela existe.

A obra de Emiliano da Costa, poesia autêntica e perfeitamente equilibrada, está porém nas condições focadas nas anteriores considerações: dificilmente se compreende, dificilmente se assimila, pelo comum contemporâneo. Poesia de vanguarda, portanto. E aqui reside, apesar de algumas opiniões divergentes, o grande merecimento da poesia emiliiana, modernista e contribuidora para um novo ponto de vista sobre os temas cantados pelo poeta. Tavira, depois de Emiliano, será também Tavira, a cidade natal de Emiliano; os algarvianos, tão belamente utilizados por Emiliano, emanciparam-se do anterior conceito de «calão rural»; e novas expressões, línguísticas e imagísticas, serão de considerar depois que o Poeta lhes deu forma.

No entanto a obra de Emiliano da Costa é, às vezes, considerada (Continuação na 3.ª página)

FUTEBOL
NO
ALGARVE

CAMPEONATO NACIONAL
II DIVISÃO

FARENSE, 3 — ALMADA, 0

Miséria de jogo por falta de réplica do grupo visitante, último tabuleiro na classificação geral.

Sob a arbitragem do sr. Viriato Maximino, de Lisboa, efectuou-se no Estádio de São Luís no dia 22 do corrente a 3.ª jornada a contar para o Campeonato Nacional da II Divisão, entre o grupo local e o Desportivo de Almada.

Os grupos formaram da seguinte maneira:

FARENSE — Isaurindo; Reina e José Maria; Vieirinha, Ventura e Bento; Brito, Balela, Regino, Rialito e Quelmo.

ALMADA — Faustino; Elísio e Veloso; Costa, Silva e Leal; Cataralhama, Sarava, Almeida, Vitorino e Travanco.

A saída pertenceu aos donos da casa que só por um mau ponte-pé de Queimado não marcou o seu 1.º goal a 1 minuto do começo. — Acto seguido, cerca de 2 minutos, o Farense desperdiçou nova oportunidade de goal por

(Continuação na 4.ª página)

Publicidade anónima

Estamos fartos de acenar que não daremos publicidade a qualquer escrito que não venha assinado com o nome do seu autor, muito embora use e utilize um pseudónimo qualquer, que para nós terá de corresponder a um nome, cujo sítio respeitaremos.

Mas coisas anónimas, não! Assim o autor da Crónica Rural se quizer ver publicadas as coisas que escreveu tem de se identificar, pelo menos, perante a redacção.

Lá essa coisa de dizer mal e não pôr o nome, estamos fartos disso.

CICLISMO Círculo de Loulé e festival de pista

Na distância de 41 kms., com partida e chegada a esta Vila e num percurso compreendendo entre Almancil, Quatro Estradas, Boliúme, Ladeira dos Matos e Palmeiral, efectuou-se, no pretérito domingo 22, o «Círculo de Loulé», primeira corrida velocípedica em estrada, destes últimos 2 anos.

Alinharam à partida 16 corredores de Loulé, Tavira, Faro, Estoi e S. Braz, alguns deles futuros esperanças no ciclismo algarvio.

A média horária de cerca de 40 kms., alcançada pelos 3 primeiros classificados, é bastante elucitativa quanto ao ardor e combatividade com que os corredores disputaram a prova, a qual foi presenciada por numeroso e entusiástico público, tanto em Loulé como em todo o seu itinerário.

A corrida foi organizada pelos

ANO I
N.º 20
29 SETEMBRO
1957



Correspondência
para
Casimiro de Brito
Rua Bocage, 140
FARO

NOTA DE ABERTURA

O «Prisma» continua e continuará enquanto os seus amigos o desejarem. O ideal será sempre o mesmo: CONVIVIO, CONVIVIO, CONVIVIO. Se não vai de encontro ao desejo de todos, do seu organizador não é a culpa. E isto porque aceitamos e desejamos as vossas opiniões críticas e aceitamos a vossa colaboração. E para os jovens, especialmente, que o «Prisma» aqui está, convidando-os para a mesa redonda da cultura. Escrevam, escrevam todos, e mandem-nos as vossas produções: a todos responderemos, a todos apoiaremos com a nossa frágil experiência.

Neste número 20 de «Prisma» intrudizemos dois novos colaboradores: Maria Antonieta Júdice Barbosa e J. B. M., e apresentamos trabalhos de três novos já conhecidos dos nossos leitores: o Orlando Neves (que vai publicar um livro dentro de pouco tempo) iniciando uma série de apontamentos sobre os mais diversos temas; o Eduardo Olímpio, o poeta de As Esnolas do Mendigo e a Maria Rosa Colaço, colaboradora de quase todos os números de «Prisma». E Cavaco Guerreiro, o autor de todos os linóleos apresentados em «Prisma», sem indicação do nome do artista. A propósito de linóleos, há uma gralha para emendar: no último «Prisma» foram trocados os nomes dos autores dos linóleos publicados. As nossas desculpas ao Baptista e ao América da Silva, pela troca.

E mais uma vez, para finalizar esta nota pretenciosa (pretendendo familiarismo entre os interessados pelo PRISMA), o nosso pedido de sempre: escrevam-nos, entrem também nesta grande roda cultural que se chama CONVIVIO, e que é mais do que uma palavra vaga... Assim o desejamos, e por esse desejo lutaremos...

Crónicas do tempo de hoje

I

O TEMPO, A REALIDADE E A POSIÇÃO

Não se refreia o inevitável e eterno. O tempo, com tudo o que dentro dele nasce, morre e se transfigura aceita-se e recolhe-se. Para uma racionalizada crítica com as suas conclusões temporariamente válidas? Sim, mas só depois de a um tempo outro ter surgido, diverso senão na totalidade dos seus aspectos pelo menos na construção de juízos novos sobre os aspectos antigos porventura ainda actualis ou inactuais.

Do tempo que corresponde ao momento que vivemos não é lícito tirar premissas que possibilitem a obtenção de juízos sintéticos definidores e definitivos. Por isso, a única atitude, quanto a mim, certa e permanente, é a da aceitação da realidade epocal e a indispensável construção sobre ela de reflexões aperfeiçoadoras segundo uma perspectiva de vida (material e espiritualmente falando).

Ainda não é possível a emissão de juízos valorativos sobre o tempo de hoje excepto talvez sobre aquilo que nele representa continuidade pura e inalterada do tempo passado, coisa que se afigura rara e até, num plano positivista, impossível.

Portanto, às suas conquistas, temos de oferecer apenas a nossa esperança construtiva.

II

O CINEMA E A LITERATURA

O termo cinema precisa duma fixação de características válidas, para o podermos mencionar sem receio das confusões que actualmente comporta. Se, como hoje é admitido, o cinema é uma Arte, há que dar-lhe um conjunto de elementos ao mesmo tempo suficientes para o independentizar das outras formas de Arte e para o afastar daquela outra utilização dos seus processos técnicos em que consiste o cinema comercial, não-Arte.

Sem pretender entrar exaustivamente nessa procura de definição, já que não é esse o problema que ora me preocupa, direi que empregarei a palavra cinema como sinónima de Arte Cinematográfica. Quando tiver de falar sobre obras que o não sejam apor-lhes-ei o adjetivo necessário.

Por isso, interessa-me agora focar um problema muito debatido em todo o mundo e, recentemente, por iniciativa da Sociedade Portuguesa de Escritores, em Lisboa. É ele o das relações entre o cinema e a literatura.

Utilizando a sua forma expressional própria que é a imagem dinâmica (e, acessoriamente, mas, apesar de tudo, indispensavelmente, algumas características que ou não são outras formas da Arte ou suas expressões particulares — caso da música, do som, da palavra, etc.) o cinema, em minha opinião, não ganha com a adaptação de obras literárias.

A literatura é a arte de traduzir a vida pela palavra (passem todas as imperfeições que esta definição possa incluir) e, portanto, faz dela a sua carne, a sua beleza, o seu vigor, (o que não quer dizer que não tenhamos de notar a história — palavra esta entendida em todos os seus sentidos estritamente literários). Ora o cinema vive da imagem. A palavra tem de limitar-se a um papel acessório, menor, de complemento. E, como tal, deve ser mínima, a puramente indispensável. A música, o som, a cor, têm, como ela, de ajudar a expressões da imagem. Isto não significa que o cinema deva prescindir da história. Mas o que precisa é de libertar-se da dependência em que vive, muitas vezes, da obra literária.

Põe-se o problema de saber quais as obras que podem ser adaptadas ao cinema. Noutra altura falarei sobre este assunto. O que, porém, permanecerá sempre, seja qual for o género de obras literárias que escolhamos para adaptação cinematográfica, é a necessidade que elas têm de se despedir da palavra para que possam transformar-se em cinema. Ora isto, é, nitidamente, assassinar a obra literária. E senão vejamos um exemplo bastante actual: a recente apresentação de Guerra e Paz. Caso flagrante de obra assassinada pela sua adaptação ao cinema (embora o fracasso do filme outros factores tenham, possivelmente, contribuído).

Quer-me parecer, pois, que a literatura raramente sai prestigiada numa adaptação. E isto precisamente por culpa do que atrás apontei: a literatura vive da história e da palavra, o cinema essencialmente da imagem. O cinema pode ainda traduzir a história mas o que jamais pode (ou deve) traduzir são as palavras (e só me refiro, obviamente, ao diálogo da obra literária).

III

UM REALIZADOR PORTUGUÊS

Andamos nós, em Portugal, sem cinema, sem argumentos, sem possibilidades financeiras, sem realizadores e, aparentemente, cheios de boa-vontade. Perdemos-nos em filmeiros que de bom trazem às vezes uma imagem, um curto diálogo, uma expressão dum actor. E isto às vezes. Porque quase sempre nada trazem de bom, até porque isso não interessa para nada.

E, de súbito, cai-me sobre os olhos este título duma notícia vinda no Diário Ilustrado: UM JOVEM PORTUGUÊS REALIZOU EM ESPANHA UM FILME QUE OBTEVE ASSINALAVEL ÉXITO. Segue-se a transcrição dum artigo sobre esse nosso compatriota realizador extraído da revista de artes e letras espanhola Índice. Eis alguns passos desse artigo:

«Em Barcelona também se faz cinema «europeu», que não se parece com o que o país nos habituara, nem ao «fabricado» em qualquer parte do planeta, quer em Hollywood, quer em Bombaim. Referimo-nos exclusivamente ao filme *Mañana*, o primeiro de José Maria Nunes.

Quem é José Maria Nunes? Um português que reside em Espanha há doze anos e tem agora vinte e sete. Foi ajudante de direcção em mais de 25 películas. Colaborou num jornal da sua terra o *Correio do Sul*. Escreveu e dirigiu este filme e está prestes a realizar o segundo também escrito e dirigido por ele — que se intitula *Invita-me a cear esta noite, amigo perro...* Sentir-se responsável por esta película honra quem a dirigiu e escreveu porque o filme é importante e está

(Continuação na 3.ª página)

primeiro poema



Para o Miguel Serrano

Aprendi a palavra irmão no dicionário
e vou usá-la todo o dia como um fato novo.
No café onde os meus amigos mostram sempre coisas novas
eu vou usar esta palavra.

Na rua no cais nos eléctricos nos hospitais nas lojas nas es-
cadas mais sujas

vou usar esta palavra.

E os meus amigos os meus inimigos os que não me conhe-
cem irão todos comprar um dicionário
e beber sôfregamente esta palavra.

— Mas só eu saberei porque a uso como eles usam um fato
novo.

eduardo olímpio

Santiago de Cacém
(Linoleo de Cavaco Guerreiro)

Inventário filmográfico

A VERDADE E O MEDO, de FRITZ LANG.

Guiando-nos pelo nome do realizador, e também por algumas críticas favoráveis, fomos ver esta película. Enganamo-nos redondamente, porque ela é nitidamente mediocre. Pretende o realizador combater a pena de morte, tema muito actual, e já largamente debatido em cinema, especialmente pelo jurista e cinematógrafo francês André Cayatte. Mas a diferença entre o filme deste último e o de Fritz Lang é incomensurável.

Na primeira figura masculina, Dana Andrews vai pouco além de mediocre, mas o papel nada mais lhe poderia proporcionar. Na parte feminina, Joan Fontaine também falha completamente podendo-lhe ser atribuída a mesma atenuante que o companheiro.

A história, que não vos contarei, pois num filme pomposamente baptizado de suspense não vos quero tirar o prazer do desfecho, é nitidamente infeliz. O realizador tentou misturar a tese com um romance de amor, mas não conseguiu fazê-lo, apagando com um final decepcionante tudo o que de aproveitável construiu na película.

A VIDA AMOROSA DE VAN GOGH, de MINUEL.

Mais um filme biográfico, que como os seus antecessores peca pela falta de conteúdo filosófico. No entanto a obra de Minuel é nitidamente boa.

Como se deprende do título, trata-se de uma biografia do pintor Van Gogh. Se ela está historicamente certa não queremos discutir, pois o que nos interessa é o cinema, e esse é do bom. São principais intérpretes Kirk Douglas e Anthony Quinn. O primeiro é neste filme extraordinário e o seu trabalho supera tudo quanto até aqui tem feito. Lemos algures que o Oscar atribuído a Yul Bryner pelo *Rei E Eu*, devia ter sido entregue a Douglas pelo seu *Van Gogh*. Estamos inteiramente de acordo. Anthony Quinn foi premiado com o Oscar da melhor interpretação secundária, pela sua intervenção neste filme, e mereceu essa distinção sem nenhuma dúvida.

O filme que é a cores e no processo Cinemascope, tem, como é de esperar, uma fotografia extraordinária, que atinge o seu máximo nalguns exteriores fantásticos de luz e cér.

Está de parabéns Minuel pela obra realizada. (J. B. M. — Coimbra).

HORAS DE DESESPERO, de WILLIAM WYLER.

Não é o primeiro filme no género. Assunto bastante focado pelos americanos, tem servido de argumento a algumas películas razoáveis. Lembro-me, por exemplo, do sóbrio *Desafio à Morte*, de John Berry, como também de *O Seu Ofício era Matar*, de Lewis Allen. O primeiro destes filmes foi mais convincente: mais humanas as suas personagens.

Considero, no entanto, e apesar dos inevitáveis desacertos, este *HORAS DE DESESPERO*, de superior qualidade. Filme de tese, aprofunda com mais realismo o drama de uma família assaltada por um bando de criminosos.

É essencialmente um estudo psicológico, e daí resulta toda a acção, perfeitamente bem conduzida, sem ilógicos (o mais vulgar dos pratos no cinema americano).

O choque entre o ponto de vista dos bandidos e o da família assaltada, simples e apenas preocupada com as pequenas quotidianas domésticas, é tremendo. Os esgares de desdém pela família pacata, diminuem a par do progresso da história, atingindo o ponto culminante quando o mais jovem dos criminosos se volta para o mais velho deles:

— Ensinaste-me tudo, sim, só não me ensinaste como se vive numa casa como esta...

O mais jovem dos gatunos foi mal estudado. O seu problema, apenas vislumbrado, (desprezo pela vida à margem da lei), movimentaria ainda mais a história. E Wyler falhou, porque o problema existia, sentia-se, mas não foi convincentemente vincado. O mesmo em relação à filha da família em causa: demasiado despreocupada, nos momentos de mais tensão (erro de interpretação).

Assim o merecimento desta película deve-se quase sólamente à autêntica luta de gigantes travada na tela: de um lado Humphrey Bogart, num excelente bandido, do outro Frederick March, num não menos excelente chefe de família. O desprezo de Bogart pelo burguesismo comedista de March, resultou num ódio crescente, bem evidente, neste. E aqui começou o grande-plano do filme.

O desfecho da história, sóbrio ainda continuou a suspense não forçada, bem conduzida. O happy end é aceitável e a morte dos bandidos aparece como normal acontecimento.

Sem mudanças bruscas, um dos espinhos do moderno cinema, o realizador consegue chegar ao seu fim muito simplesmente: a história acaba como devia acabar, e naquele simplesmente reside todo o mérito desta película, digna de ser vista. (C. B. — Faro).

A PRIMAVERA nasceu para mim

Nesta manhã de nevoeiro sem Desejados no ventre nem clarins anuncianto a Eternidade, as tuas mãos claras e humildes como a água são a imagem persistente na minha grande e dolorosa fome de ternura. Linda! Deixa-me sentar na carpete silenciosa da tua casa e afaga a minha cabeça que parece estalar de dor e desalento.

Linda! Suavemente, como se falássemos de Poesia ou daquelas tardes na Itália onde tu e o Leão me levaram uma vez...

É só um bocadinho de ternura e de compreensão o que eu peço nesta hora.

Acredita, Linda: há uma tragédia maior do que a incomodidade, o desconforto, a solidão: é a gente termos as mãos cheias de rosas e só termos coragem de espalhar espinhos. Os papéis já não bastam. As fotografias são os grandes túmulos dos bons momentos. Estou saturado de mitos, de fantasmas, de nevoeiro.

Nunca te poderei contar, Linda, o que as tuas mãos me disseram de mundos impresentáveis e bons, o que elas me trouxeram de infância perdida, da adolescência forte — que nunca tive.

Bem sinto, Leão bem sinto para cá do nevoeiro e do sonho deste momento que te estás rindo de mim. Não faz mal. Toda a gente se tem rido de mim quando falo de ternura. Acham que é incompatível a palavra com o grande bicho-de-mato que aparento ser. Por isso é que nesta hora eu gostava de ser um grande e silencioso pássaro branco que, confundindo-se com o nevoeiro, desaparecesse, sem cobardia nem temores, rumo ao sol que dorme do outro lado da neblina e do país da serenidade.

E bastou-me ter falado neles para que o milagre da Primavera tivesse o verdadeiro significado. Não tenho? Não tenho o direito de me esquecer do propósito de coragem que um dia fiz quando terminei a leitura de Caminhada.

Falei no milagre da Primavera porque há dias, casualmente, descobri no quintal da minha vizinha uma amendoeira toda só flores cor de rosa e pássaros felizes.

E eu que sou má e egoísta escrevi logo, algures esta frase: é sempre só no quintal dos nossos vizinhos que nascem Primaveras.

Mas hoje, agora, que acabei de viajar nestes países todos que o Leão me deu nos livros ilustrados; hoje, agora, que acabei de me debruçar nas águas do Sena, que passei nos Campos Elíseos; hoje, agora, que apanhei uma bela manhã de sol sentada nas ruínas do Círculo Romano, que estive em La Chiesa di San Francisco, e sentada sob uma árvore triste contemplei il castello di Conti Guidi; hoje, agora, comproendo em beleza o milagre da amendoeira cor de rosa.

E sinto que Deus foi bom e a vida na mesma. Apenas um muro branco me separa do milagre das flores; mas a minha janela é alta e dela eu vejo — eu vejo perfeitamente — a amendoeira e os pássaros. E sinto-lhe o perfume cálido. E vejo ainda o céu e o riso aberto do menino que apanha as flores que tombam e as atira ao ar como se fossem aves alegadas.

Hoje, agora, eu comproendo: a Primavera quando nasce é para o mundo. Se não há troncos castanhos nem pétalas rosadas no nosso quintal, há no quintal do lado. Bastam-nos os olhos e a ternura da compreensão para a sentirmos como nossa também.

Por isso, Leão, grande e corajoso amigo que eu não merecia e Deus me ofertou, neste momento peço para as tuas palavras uma coroa feita de amendoeiras e sol e vou surpreendê-las à entrada, mesmo à entrada do meu país da alegria.

É preciso que também os que passam na rua e nas estradas sombras e para lá do muro de musgos e heras, vejam a Primavera que voltou a nascer!

Pelas tuas mãos! Pelas mãos de ternura e suavidade da tua mulher.

Esta página é a única coisa que eu sinto valer a pena oferecer-vos em troca de tudo o resto.

Tomai! É para vós.

Maria Rosa Colaço



IRREALIDADE para a BIA ROSA

DIA A DIA ME ENCONTRO
MENOS MEU MENOS LIVRE
DIA A DIA ME PROCURO
NA ANSIA DE ENCONTRAR-ME
CARNE E VERBO COMUNGANDO
VIDA E MORTE COMBATENDO
EU COMIGO A LUTAR

DIA A DIA MENOS MEU
DIA A DIA MENOS LIVRE
PROCURANDO-ME E FUGINDO
DE MIM CHEINHO DE MEDO

DIA A DIA ME PROCURO
DIA A DIA NÃO ME ENCONTRO
DIA A DIA NÃO SOU EU
DIA A DIA SENDO MEU

Casimiro de Brito

POEMA

A FLOR BROTOU BRANCA E LINDA,
HASTES FORTES E BELAS!...
AS ABELHAS SUGARAM-

«Loulé... em retrato»

No último número de «A Voz de Loulé», o colaborador que assina «Solimão Fagundes» atira-se e, justiça lhe seja feita, nunca as mãos lhe doam, às quadrilhas encapotadas de indivíduos, aparentemente honestos, que se conluiam para explorar determinados benefícios que lhe advém da protecção de estarem em posições especiais ou «estratégicas», para conseguirem fins de interesse pessoal, comercial ou de determinado grupo ou panellha.

Achamos muito bem que se definam posições e, cada um, marque a que merece e só lamentaremos que o articulista não seja mais aberto nas suas afirmações para percebermos bem quais as maneiras de agir a que se refere e que parece já terem sido concretisadas em qualquer das nossas freguesias.

Quero aqui penitenciar-me de uma infeliz gralha de «A Voz de Loulé», num «suelto» sobre os cafés de Loulé e que poderia dar a Solimão Fagundes a ideia de que eu pretendia ofendê-lo ou agredi-lo, quando estava muito longe de mim esse propósito.

Ora o caso é que eu escrevi «a inconsistência das afirmações de Solimão Fagundes» e o tipógrafo compôz «a inconsciência». Ora, uma coisa é achar «inconsistente» e outra «inconsciente».

Que o Solimão Fagundes me desculpe se pensou mal a meu respeito, pois nem houve o propósito de melindrar quem aliás, estava no fundo de acordo embora se discordasse da forma.

Mais uma temporada passou sobre Quarteira. O que vimos sobre a nossa Praia, foi o mesmo que temos visto todos os anos.

Boa iluminação, comodidade e satisfação em todos os visitantes que frequentaram as pensões existentes, limpeza na Praia, ação nas ruas, bons bailes na esplanada, enfim magnífica assistência turística.

Esquecia-me de que estava a fazer... literatura!

Fui há dias, em companhia de um bom e velho amigo, ver o Parque Municipal, que há algum tempo não visitava e fiquei encantado com o desenvolvimento das árvores que hão-de constituir a mata. Que bonitas que estão e como se têm desenvolvido.

Talvez não fosse despreparado que a Câmara estudassem um sistema de bancos para ir colocando naquele parte, que já convida ao recreio e aproveitamento deste lindo logradouro público.

Pena é que ainda se não haja tomado a iniciativa de ir marcando outras das atrações do Parque para, a pouco e pouco, nos lembrarmos da necessidade de abreviar a construção do Campo de Jogos que viria dar um grande impulso à preferência dos louletanos pelo seu Parque, que, uma vez con-

cluido, não terá igual em muitas terras do País.

Há pouco falei de Quarteira esqueceu-me de fazer justiça a uma coisa que representa, de facto, um notável melhoramento de sentido cultural: Quarteira, já tem um hino! e quando, as exigências dos turistas forem mais acerbas, acentuadas e impertinentes: Toca-se o Hino!

Muitas pessoas interpretaram a sugestão que se fez no último «Loulé... em retrato», para que fosse a nossa Câmara, a primeira algarvia a consumir luz da CEAL, em consideração da distinção que fizeram a Loulé, instalando aqui a subestação, como uma censura, por isso não estar feito.

E depois veio logo o comentário: «Lá está ele a querer que se faça o que não se pode fazer!» Ora, para quem sabe ler, o que se disse foi: E se fosse a nossa Câmara, a primeira a ligar?

E isso fazia-se muito simplesmente pedindo à CEAL que emprestasse ou alugasse um transformador para pôr na cabine da Central Elétrica e se assentasse com aquela Empresa, nas condições de um acordo transitório, enquanto se não estabelecesse um contrato definitivo de concessão.

Isto não é mais nem menos que o que existe com a Aliança Elétrica do Sul e passaríamos a ter luz com voltagem constante embora a Câmara continuasse a explorar a distribuição em bacia tensão com está.

O que com certeza saía, era mais barato do que nos está a sair a produção na Central com o complemento da energia de Olhão, porque, assim estamos a pagar duas vezes mão de obra. Aqui e lá, compreendida no preço da venda.

A propósito de tanto se falar em gripe asiática publicava há dias o Diário Ilustrado uma boa anedota. Dois velhotes, metidos numa rica cama, cercados de remédios e caloríferos, cobertos por preciosos cobertores, lamentavam-se para um casal que os visitava:

— Estamos nós, aqui metidos, à espera da gripe!?

Tinham-nos prometido que viria em Agosto e já estávamos no fim de Setembro!

Reporter X

Professora

Diplomada pelo ensino primário particular e com longa prática, leciona as 1.ªs letras e todas as classes do ensino primário.

Avenida José da Costa Mealha-109.

Eugénia Soares

Enfermeira-Parteira-Puericultora
Partos ~ Crianças ~ Tratamentos e Injeções

Av. José da Costa Mealha, 38
Telefone 257 LOULÉ

Crónicas dos tempos de hoje

(Continuação da 2.ª página)

na linha «europeia» de um Berlenga ou de um Bardem... *Mañana* é composta de quatro relatos que são precisamente isso, um «amanhã» ou «amanhã logo faço». Precisamente em Espanha as pessoas são muito propensas a deixar tudo para amanhã. Assim, aquele que não quis enfrentar o seu destino — escritor, músico, apaixonado, palhaço... — acaba por ser um vendedor de pentes que só é ajudado pelas classes trabalhadoras; um músico que se consola a tocar flauta, enquanto está de guarda a uma fábrica; um homem que escreve em todas as paredes o nome da mulher que nunca «encontrará»; um palhaço que só terá valor para deixar atrás de si os farrapos da sua velha arte, já sem graça... Isto é *Mañana*. Mas, ao longo da película, sucedem-se as cenas entre a realidade e a poesia, o sentido estético, a mensagem social e lírica.

O relato, sem dúvida, é o do músico. A sequência da orquestração das máquinas acompanhadas pela flauta do músico é prodigiosa... Saudemos o aparecimento de Nunes. O seu cinema está na linha mais exigente.

É claro que me dispenso de comentar.

Orlando Neves

Ditos espirituosos

A rapaziada dos nossos dias, adopta, de tempos a tempos, certas frases, género estribilho que prega a propósito de.

Dois que estão muito em moda e que se usam para denunciar qualquer atrevimento ou desembarraco, são:

— Já vais aí?

— Também vale isso?

Há pouco, no baile da... dois engracados entretinham-se justamente a proferir o estribilho, aos pares que passavam junto.

Era de ver a confusão que estabeleciam sem haver afinal, nada de especial.

A propósito do rádio-rastreio do Instituto Nacional de Assistência aos Tuberculosos, a que se procedeu neste concelho, dois mulhudos entretinham-se a perguntar às raparigas que se aproximavam do comitão:

— Também vai fazer «exame à escrita»?

Notícias de Albufeira

Realizou-se há dias em Loulé o casamento do sr. Diocleciano Arvelo Coelho, comerciante em Albufeira, com a sr.ª D. Maria José da Ponte Lucas.

Apadrinharam o acto por parte do noivo o sr. Manuel Romão Sequeira e sua esposa, sr.ª D. Isabel G. Torregão Romão Sequeira, e por parte da noiva o sr. Francisco Mendes Pontes e a sr.ª D. Lídia J. da Ponte Pereira.

Em casa dos pais do noivo, nesta vila, foi servido um fino «copo de água».

— Com a presença de milhares de fiéis, realizaram-se as tradicionais Festas de Nossa Senhora das Dores e de São Luís.

A procissão que percorreu as principais ruas da vila, era abrangida pela Banda de Música da Mocidade Portuguesa.

— Devem ter inicio no princípio de Outubro as obras da Esplanada do Tunel, que depois de concluidas permitirão dar inicio à construção do moderno hotel de turismo a construir nesta vila.

— Faleceu nesta vila o sr. João Bila, viúvo, negociante de peixe, aqui residente.

Era pai dos srs. Orlando Serrão Bila, António Serrão Bila e D. Maria Eliseu S. Bila, residentes em Sines.

A família enlutada, apresentava sentidas condolências.

A. Leote

Palavras claras

(Continuação da 1.ª página)

tivas que no passado deram nome a Loulé, temos ao menos a satisfação de viver das recordações que temos orgulho em reavivar.

Falou-se há pouco num Cortejo de Oferendas a favor do nosso Hospital.

E é triste verificar que a ideia não frutificou porque, em vez daquele alto espírito louletano que levantava barreiras, surgiram ideias de grupos e grupinhos que descobriram incompatibilidades em trabalhar em conjunto, com espírito de equipa e sacrifício.

O que é que isto representa?

Desuniões desentendimentos animadversões e incompatibilidades que já não conseguem fazer reviver o espírito forte e bairrista de Loulé.

Mediocridade moral, pela concepção do dever para com a terra natal, desenraizamento dos sentimentos nobres, dignos e de isenção que punham acima de simpatias ou antipatiias pessoais, o interesse de Loulé!

Loulé não tem já o poder de vida e realização que já teve e era devido ao culto acérrimo e acendrado do seu bom nome, de seu prestígio e da sua maneira de ser especial.

E é lamentável que assim seja!

R. P.

Prédios Alugam-se

Um 2.º andar, apesar de completa remodelação, no Largo Gago Coutinho, n.º 2.

— Armazém muito espaçoso, no n.º 4 do Largo Gago Coutinho, contornando para a Av. José da Costa Mealha.

Tratar com o proprietário António Francisco Contreiras.

O ALGARVE

na poesia de Emiliano da Costa

(Continuação da 1.ª página)

com um esgar duvidoso. Não é aceite, completa, nuamente. É discutida, numa palavra. Pergunto: que mais pode desejar um poeta...? É obra morta, inválida, passageira, a que é imediatamente aceite incondicionalmente. Por tudo isto, vou ao encontro, através do meu pensamento, da opinião expressa por Elviro Rocha Gomes, na sua *História do Reconhecimento de Emiliano da Costa como Poeta*, que transcrevo, e que Clementino de Brito Pinto também transcreveu, a fechar o seu livro em causa: «quando no século XXII se proceder à avaliação da literatura do tempo e se deparar entre a multimonda e, em grande parte, desvaliosa produção existente, com a de Emiliano da Costa, não podemos garantir que não haja exclamação unânime de pasmo ante a indiferença de muitos responsáveis nas Letras, e ate por vezes hostilidade, que rodearam o poeta que melhor exemplificou no nosso tempo a possibilidade ideal de união do clássico com o moderno sem como Enphorion se precipitar e passar, porque sobreviverá».

Pergunto, uma vez mais: *dar-se-á o caso, tantas vezes repetido, com outros poetas, que, só depois da sua morte, recebem os louros merecidos?*

Creio bem que sim, e ainda considero esta hipótese a melhor que um grande poeta pode aceitar. Um grande poeta não o é para os seus contemporâneos, ou mais extensamente, a obra de arte não surge para os homens mas para o Homem: projecta-se no futuro se o seu conteúdo é real, se a sua mensagem é extensiva, se os seus primores são heterogênicos. O caso da obra emiliiana, na minha opinião, unicamente baseada no conhecimento, ainda imperfeito, da obra do poeta.

E com a obra dos poetas, penetra no futuro, as tentativas de aproximação dos críticos e ensaiistas que os estudaram.

No caso presente, a obra do poeta algarvio e algarvista Emiliano da Costa, agregar-se-ão os seus estudos, mais preciosamente, interessados, como Elviro Rocha Gomes, Joaquim Magalhães e agora Clementino de Brito Pinto.

Em O ALGARVE NA POESIA DE EMILIANO DA COSTA, o próprio autor o afirma, não se pretende tratar a obra de Emiliano da Costa, ex-professor, mas sim, apresentá-la com a sua base inspiradora: este Algarve maravilhoso, emoldurado pela serra e pelo mar.

De modo que, nesta obra, é ainda Emiliano da Costa o primogénito. Clementino de Brito Pinto apresenta-nos o Poeta sob novas facetas, agrupando a sua poesia em motivos escalonados de interesse, anotando-a e deixando-se, nalguns casos, prender pela sua beleza poética engastada na beleza ambiental.

Modalidade de poesia algarvia notável, a de Emiliano da Costa, agora realçada neste trabalho alusivo.

(Separada da «Folha do Domingo» — Faro — 1957, oferta do autor.)

Casimiro de Brito

— Mais tarde realizou-se um festival de pista no Estádio Municipal com a presença dos participantes na corrida em estrada e de mais alguns ciclistas que se reservaram para o programa em pista.

Depois de 2 eliminatórias de seleção, terminou o festival com 30 voltas em linha, tendo saído vencedor absoluto Manuel Coelho (Bezoiro) dos Leões do Atlético, que conquistou os 8 «sprints» da prova.

— Tratar com Viúva de José Joaquim Laginha — Rua da Barbacã — Loulé.

— Mais tarde realizou-se um festival de pista no Estádio Municipal com a presença dos participantes na corrida em estrada e de mais alguns ciclistas que se reservaram para o programa em pista.

Depois de 2 eliminatórias de seleção, terminou o festival com 30 voltas em linha, tendo saído vencedor absoluto Manuel Coelho (Bezoiro) dos Leões do Atlético, que conquistou os 8 «sprints» da prova.

Farinhas para gado

“MELAFLOR”

Experimente os novos lotes especiais para SUINOS E VACAS LEITEIRAS e verificará um incontestável aumento de peso nos animais e aumento na produção de leite, porque estas farinhas são feitas com produtos da melhor qualidade e de preparação recente. Faça desde já os seus pedidos aos revendedores no Algarve:

Teófilo Fontainhas Neto — Messines.

Bruto, Lda — Faro.

João Martins Calvário — Silves.

União de Mercearias do Algarve, Lda — Loulé.

Manuel Estevens — Loulé.

CICLISMO

(Continuação da 1.ª página)

vamente, pelos seguintes corredores: Alcino Neto (Ginásio de Tavira), João de Brito (S. Braz) e Manuel Coelho (Bezoiro), dos Leões, que venceu os 3 últimos «sprints», tendo fugido ao poleiro para disputar o último, em Boliqueime. Na fuga do louletano só 2 ciclistas o conseguiram acompanhar: Abílio, da Casa do Povo de Estoi e José Rodrigues, dos Leões do Atlético, tendo-se juntado aos 3 fugitivos, depois de ter escapado ao poleiro, João de Brito, de S. Braz. Já próximo de Loulé, por não poder acompanhar a velocidade imposta pelos seus colegas de fuga, deixou-se atrair ao corredor dos Leões, José Rodrigues.

A classificação final foi a seguinte: 1.º, Manuel Coelho (Bezoiro), de Loulé; 2.º, João de Brito (S. Braz); 3.º, Abílio (Estoi); todos em 1 h. e 7 m., 4.º, Virgílio Nunes (Estoi), 1 h. 12 m.; 5.º, José Rodrigues (Loulé), 1 h. 15 m.; e 6.º, Constantino (Loulé), 1 h. 17 m.

— Mais tarde realizou-se um festival de pista no Estádio Municipal com a presença dos participantes na corrida em estrada e de mais alguns ciclistas que se reservaram para o programa em pista.

Depois de 2 eliminatórias de seleção, terminou o festival com 30 voltas em linha, tendo saído vencedor absoluto Manuel Coelho (Bezoiro) dos Leões do Atlético, que conquistou os 8 «sprints» da prova.

Trespasse-se

Aproxima-se a abertura das aulas!

Auxilie o vosso filho a progredir nos estudos, proporcionando-lhe a utilização do que ele considere imprescindível para melhor aproveitamento escolar no LICEU, no COLÉGIO, e na ESCOLA TÉCNICA nas Escolas Primárias

Visite a PAPELARIA LOULETANA

Onde pode comprar com facilidades de pagamento ou em regime de Conta Corrente:

Todos os livros escolares

ESTOJOS DE DESENHO

Pastas e malas escolares

Grande variedade de cadernos, lápis, canetas, lapiseiras, borrachas, tintas, etc.

Sapatos próprios para ginástica

Agente das máquinas de escrever "Princess"

(o que há de melhor no seu tipo)

Pastas e malas escolares e de viagem—Óculos para Sol

Artigos religiosos — Máquinas de barbear e estojos

Grande variedade de artigos em plástico

ERO

A caneta que melhor lhe serve:

Pela modicidade do seu custo

Pela elegância da sua fabricação

Pela excelente qualidade do seu aparo

Comprando uma ERO comprará uma boa caneta por 35\$00

ARTIGOS PRÓPRIOS PARA BRINDES

Descontos especiais para os Senhores Professores

Tudo aos mais baixos preços do mercado!

Material escolhido nos melhores fornecedores do país

Não faça as suas compras sem visitar o estabelecimento de

MANUEL DE SOUSA LOPES

Largo Gago Coutinho

Telefone 100

LOULE

Notícias pessoais

ANIVERSARIOS

Fazem anos em Outubro:

Em 3, o sr. José Gomes Rocheira Morgado e a sr. D. Maria Lourdes Guerreiro Viegas.

Em 5, o sr. Eduardo Correia, o menino Manuel Alexandre Rodrigues Guerreiro, residente em Sabrosa, Trás-os-Montes e a sr. D. Ana Mendonça Guerreiro.

Em 6, o sr. Eduardo Silvestre e a menina Idalina Silva Militão.

Em 7, o sr. António de Sousa Salgadinho, a menina Maria do Rosário Leal Marques e o menino José Pedro Simões Ramos, residente em Aveiro e a sr. D. Maria Luiza Costa de Azevedo.

Em 8, as meninas Maria Tereza Garrocho Duarte e Helena dos Santos Santos, residentes em S. João do Estoril, o menino Oscar Laginha Seruca, sr. Dr. D. Maria do Carmo da Franca Leal Simões, residente em Luanda e D. Maria do Carmo Cavaco dos Ramos e o sr. José Luis dos Ramos.

PARTIDAS E CHEGADAS

Tivemos o prazer de cumprimentar na nossa redacção o sr. Modesto Leal Viegas, nosso estimado assinante e conceituado comerciante, residente em Almada.

Acompanhado de sua filha, sr. D. Maria de Lurdes Guerreiro dos Santos e de seus netos Victor Manuel e Dulce Maria, regressou há pouco de Venezuela, tendo fixado residência em Boliqueime, o nosso prezado assinante e conterrâneo sr. Joaquim Nunes dos Santos.

Vindo da Venezuela, onde há anos residente, encontra-se em Loulé a passar uma temporada o nosso prezado assinante e conterrâneo sr. Cristóvão Faísca Zácarias, que se faz acompanhar de sua mãe.

CASAMENTOS

No passado dia 15 de Setembro, no Mosteiro de S. Torcato em Guimarães, realizou-se o casamento da nossa conterrânea sr. D. Ana de Guadalupe Barreto Campina, digníssima Professora liceal de Lareiras e gentil filha do sr. Manuel Martins Campina e da sr. D. Agueda de Guadalupe Barreto Campina, residentes em Faro, com o sr. Damião Gonçalves Fernandes Braga, natural de Monção, filho do sr. Emílio Fernandes Braga e da sr. D. Umlina do Paço Gonçalves.

Paranifaram o acto, por parte da noiva, o sr. Arnaldo Alpoim de Menezes e sua esposa, sr. D. Modesta de Sá Alpoim de Menezes, residentes em Guimarães, e por parte do noivo, o sr. Dr. Jorge da Costa Antunes, e sua esposa, representada pela sr. D. Maria Amélia Nogueira Abreu, residentes em Guimarães.

Presidiu ao acto e celebrou a Missa «Pro sponsis», no fim da qual dirigiu aos recém-casados uma adequada alocução, o Rev. Padre Analide Coelho Guerreiro, primo da noiva.

Durante a cerimónia, esteve ao órgão o digníssimo Professor de Canto Coral do Liceu, sr. Alberto Teixeira Dourado.

No fim da cerimónia, foi servido um abundante almoço no Res-

taurante Júlio Martins. Aos brindes, usaram da palavra o Rev. Padre Analide Coelho Guerreiro, e os srs. Doutores Jorge da Costa Antunes e António Rodrigues Rocha.

Aos noivos, que seguiram em viagem de núpcias para o Alto Minho, desejamos as maiores felicidades.

No passado dia 15, realizou-se, na igreja paroquial de Santa Maria de Lagos, o enlace matrimonial da sr. D. Aura Solange Amador Lopes, funcionária dos C. T. T., em Loulé, gentil e prendada filha da sr. D. Adelaida Augusta Amador e do sr. José Maria Lopes, com o sr. Dr. António Monteiro Baptista, distinto advogado em Loulé, filho da sr. D. Maria José Monteiro e do sr. Manuel Vicente.

Serviram de testemunhas, por parte da noiva, a sr. D. Maria da Glória Costa Pereira Dias e o sr. Dr. Artur Pereira Dias, distinto médico, em Lisboa, e, por parte do noivo, sua irmã, sr. D. Maria d'Alva Monteiro e o sr. Dr. Joaquim Costa Carvalho, distinto advogado, em Loulé.

Presidiu ao acto religioso o Rev. P. Carlos do Nascimento Patrício, que proferiu uma alocução adequada.

No dia 7, sábado, realizou-se na capela de Nossa Senhora da Piedade, em Loulé, o enlace matrimonial da menina Maria Antónia Gomes Fantasia com o sr. Almerindo Fantasia de Sousa, ambos naturais de Boliqueime. A noiva é filha do sr. Manuel Fernandes Fantasia, estimado comerciante de Boliqueime e da sr. D. Jacinta Parreira Gomes Fantasia. O noivo, filho do sr. João Nunes de Sousa e da sr. D. Maria Vitoria Nunes de Sousa, é agente da Polícia Internacional.

Foram padrinhos, por parte da noiva, a sr. D. Maria Odilia Fantasia de Sousa, irmã do noivo e Isalinda Maria Vida Errada Gomes, filha de Maria de Sousa Vida Errada Gomes e de Manuel Cuerreiro Gomes, padrinho por parte do noivo com o pai deste.

Realizou-se no passado dia 22 na Igreja Matriz desta vila o enlace matrimonial da sr. D. Adelina da Conceição Agostinho Cavaco, filha prendada da sr. D. Adelina de Jesus e do sr. Francisco Guerreiro Cavaco, com o sr. António Ramires Faustino filho da sr. D. Rosalina Ramires e do sr. Manuel Faustino.

Padrinharam o acto, por parte da noiva, o sr. Vital Campina Mehalha e sua esposa, e por parte do noivo, o tio da noiva sr. D. Raúl Martins Custódio e sua esposa.

O novo casal que vai fixar residência em Parede (Lisboa), desejam muitas felicidades.

Na Igreja de S. Lourenço (Almancil) consorciaram-se no preterido dia 8 do corrente, asr. D. Graziela Maria Viegas Coelho, prendada filha do sr. José Francisco Guerreiro Cavaco, com o sr. António Seruca Martins Domingues, empregado comercial em Loulé, filho do sr. Manuel Martins Garcia Domingues e da sr. D. Gertrudes Seruca Martins Domingues.

Testemunharam o acto, por parte da noiva, seus tios, sr. Sebastião Viegas Martins e sua esposa.

As nossas entrevistas

(Continuação da 1.ª página)

Além disso, deixa de existir o problema — bastante aflictivo — para muitos pais que têm de mandar os filhos para outros centros educacionais, evitando-se assim, não só a separação sempre dolorosa, mas também despesas com alojamento e transportes.

As gerações vindouras irão receber na Escola que o Governo de Salazar acaba de lhes dar as condições indispensáveis exigidas pela complexidade da vida moderna.

Terminando, devo dizer-lhe meu caro jornalista que, o melhoramento agora conseguido para Loulé, deve ser motivo de regozijo não só para os seus naturais, como para todos os algarvios.

Presidiu ao acto religioso o Rev. P. Carlos do Nascimento Patrício, que proferiu uma alocução adequada.

As factos, Loulé está de parabens. É um grande melhoramento que o Governo do Estado Novo acaba de lhes dar. Todos os louvores são poucos para enaltecer a de-

liberação governamental, que a consideramos oportuna e necessária.

Porque, o surto de industrialização geral a que se assiste neste momento no País, a criação de estabelecimentos técnicos e profissionais, impõe-se, para a formação da juventude portuguesa, e, criar-se uma independência económica indispensável à vida próspera e activa da Nação.

São poucas, ainda, estas escolas no ALGARVE.

Terminando, devo dizer-lhe meu caro jornalista que, o melhoramento agora conseguido para Loulé, deve ser motivo de regozijo não só para os seus naturais, como para todos os algarvios.

As factos, Loulé está de parabens. É um grande melhoramento que o Governo do Estado Novo acaba de lhes dar. Todos os louvores são poucos para enaltecer a de-

EDITAL

JOÃO ANTONIO DA SILVA GRAÇA MARTINS, Engenheiro-Chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que JOSE VICENTE MENDONÇA requereu licença para instalar uma oficina de carpintaria mecânica, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, situada na Rua do Matadouro, n.º 20, freguesia de S. Sebastião, concelho de Loulé, distrito de Faro.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incômodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro, na Rua do Distrito de Faro, n.º 2 - 2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 23 de Setembro de 1957

O ENGENHEIRO-CHEFE DA CIRCUNSCRIÇÃO,
João António Graça Martins

posa sr. D. Raquel Barrocal Viegas Martins e por parte do noivo, seus tios sr. Sebastião Garcia Domingues e sua esposa sr. D. Filipa da Piedade Rodrigues Domingues.

As novas casais deseja a «Voz de Loulé» as maiores venturas.

Engenheiro Sebastião Ramires

Na passada terça-feira, esteve nesta vila, acompanhado de sua Ex.ª esposa, o ilustre Deputado pelo Algarve sr. Engenheiro Sebastião Ramires, que aos interesses do Algarve tem dispensado e mais desvelada atenção, conseguindo para esta Província, notáveis e valiosos melhoramentos.

Plano de Urbanização de Quarteira

O fim de tratar com a Câmara Municipal de assuntos que se relacionam com a elaboração definitiva do plano de urbanização da nossa praia, esteve em Loulé o distinto arquitecto sr. Nunes Soares Cabeçadas, intimo colaborador do arquitecto Paulo Cunha, a quem o trabalho está confiado.

FONTE DA PIPA

Arrenda-se esta propriedade. Envie propostas até fins de Setembro a Manuel Guerreiro Pereira — Rua Ataide de Oliveira, 106 — FARO.

Reserva-se o direito de não serem consideradas caso não convenham.

PENSÃO

Casa particular em Loulé, dá pensão a alunas do colégio ou a empregadas, para serem tratadas como famílias.

Nesta redacção se informa.

PREDIO

Vende-se um prédio, com rez-do-chão e 1.º andar, na Rua Engenheiro Duarte Pacheco.

Tratar com Joaquim Correia Barrocal — Loulé.

Para os seus seguros

PREFIRA «MUNDIAL»

O maior organismo segurador português

Seguros em todos os ramos

Agente em Loulé

José de Sousa Pedro

Rua 5 de Outubro, 29 a 33

MORRIS 10

Série 13, vende-se barato.

Nesta redacção se informa.

Observador

FUTEBOL

(Continuação da 1.ª página)

intermédio de Remígio que, com o guarda-redes batido, atirou a lado. — Novas jogadas se seguiram bem delineadas pelo Farense que por falta de rematadores em nada alteraram o marcador, até que aos 23 minutos Remígio recebeu a bola de Balela a anhou nas redes de Faustino, quando este menos a esperava, resultado com que findou a 1.ª parte.

No segundo tempo os Almada remeteram-se mais ao ataque cujas avançadas eram desfeitas pela defesa Farense, não tendo Isaurindo trabalho faticante.

O Farense alterou o marcador aos 12 minutos por intermédio de Rialito e ainda este na marcação de um «penalty», por cargo a Queimado dentro do grande área, modificou o resultado para 3-0, com que finalizou o encontro.

O resultado poderia ter sido outro se da parte do Farense houvesse, na sua linha dianteira, pelo menos um rematador de grito, mas, até Rialito que sempre tem dado provas de bom «disparo» esta época nada, ou quase nada, tem rematado às redes, o que talvez seja devido a instruções do novo treinador!... Boa arbitragem.

O Portimonense, conseguiu uma vitória, fora de casa, de 1 bola a 0 sobre o Estoril, ao passo que o Olhanense perdeu em Montemor, com o grupo local por 1 bola a 0.

CLASSIFICAÇÃO GERAL

Portimonense, 6 pontos; Atlético, 5; Olhanense, Farense e Serra, 4; União de Montemor, Montijo e Juventude, 3; Arroios, Estoril, Coruchense e Desportivo de Beja, 2; Portalegrense e Almada, 1.

JOGOS PARA DOMINGO

Arroios-Estoril; Almada-Universo Sport; Coruchense-Beja; Montijo-Atlético; OLHANENSE - Juventude; PORTIMONENSE-Portalegrense; Serra-FARENSE.

PROVAS DE APURAMENTO PARA O CAMPEONATO NACIONAL DA III DIVISÃO

Esta prova terá o seu início no dia